

CORPO DE DELITO

O verdadeiro erro de Descartes

"Penso, logo existo" é uma definição errada do ser humano, pelo menos do ser humano português



Rui Patrício

Um programa de rádio pode fazer mais pela filosofia do que séculos de pensamento esforçado. Foi um programa de rádio a minha estrada de Damasco; foi um programa de rádio que me desvendou a verdadeira essência do ser humano, pelo menos do ser humano português. Na adolescência ensinaram-me alguns alinhavos de filosofia, entre eles a celebrada afirmação de Descartes "Penso, logo existo". Desde então, permaneci fiel a isso, mais coisa menos coisa, apesar de uma ou outra escapadela a espreitar diferentes definições, incluindo aquelas que põem a existência antes do pensamento. Há uns anos, a fidelidade de mais de duas décadas sofreu um abalo sério quando conheci os que dizem ter Descartes cometido

um grande erro ao separar a mente e o corpo, colocar uma fronteira rígida entre os dois e dar primazia à primeira sobre o segundo. Fiquei abalado, as coisas entre mim e o Cogito têm andado tremidas.

Mas o programa de rádio foi a machadada final, foi aí que vi o verdadeiro erro de Descartes. Eu já andava desconfiado. De cada vez que deitava os olhos aos jornais ou à internet, nos serões em que espreitava a televisão, quando escutava com mais atenção os meus concidadãos, sempre que ouvia rádio, eu desconfiava. Mas foi naquela manhã que se fez luz. Era um programa que eu já tinha ouvido muitas vezes, que isto de ser advogado e andar de tribunal em tribunal tem as suas coisas boas. Uma delas é ouvir rádio nas viagens de automóvel. Era um programa em que os cidadãos telefonavam e davam a sua opinião, cada dia sobre uma coisa. E com que entusiasmo, com que sabedoria, com que energia! Verdadeira poesia opinativa. Já não me recordo qual era o tema, mas era ouvir todos e cada um a discorrer com profundidade, a dona de casa, o padeiro, o reformado, o professor, o vendedor, o doutor, o enge-

nheiro, o taxista, o canalizador e tantos outros. Uma riqueza de opiniões, e opiniões que eram uma riqueza.

E foi então que vi, com clareza, que Descartes se enganou. "Penso, logo existo" é uma definição errada do ser humano, pelo menos do ser humano português. "Opino, logo existo" é que é a definição certa. Opinar é que é a verdadeira essência. Dar opinião, ter opinião, impingir opinião, oferecer opinião, vender opinião. Isso sim, isso é que é. Quem não opina, não existe. Pobre Descartes, que tremendo erro. Mas tem atenuantes, coitado. Era-lhe difícil saber isto, lá na Europa do século XVII. Era preciso, para o saber, ouvir a nossa rádio, ler os nossos jornais, andar por aí a ouvir as pessoas, gastar o serão a ver opiniões a desfilar, com sapiência e elegância, sobre os mais variados temas, desde os mistérios da política até à confecção de uma sopa de couve-lombarda, passando pela arquitectura do Estado e pelos golos de Ronaldo. Descartes teria de ter lido, visto e ouvido tudo isso para ter acertado. Ou lido estas minhas crónicas, por exemplo, onde também se nota o vírus da opinião. Opino, logo existo. *Advogado. Escreve ao sábado*



Dar opinião sobre tudo e todos: uma especialidade lusitana